

"SEREI HIPOCRITA SE DIZER QUE NÃO ESTOU CONFESO"

CONVOGADO O CAPITALISMO NACIONAL PARA SERVIR A CIÊNCIA

## CURIOSAS REVELAÇÕES SOBRE A INFÂNCIA DO DESCOBRIDOR DA PRODUÇÃO ARTIFICIAL DO MESON

CESAR LATTES MANIFESTA AOS "DIÁRIOS ASSOCIADOS" SUA ALEGRIA PELO PREMIO QUE O CONGRESSO LHE PRETENDE OFERECER

BORRA TOURINHO  
(Dos "Diários Associados")

RIO, 16 (Meridional) — "Não sei como agradecer aos "Diários Associados", a campanha que realizou visando a concessão de um prêmio à minha insignificante pessoa" — foram estas as palavras iniciais que teve Cesar Lattes, ao receber-nos ontem no hotel onde se hospeda, quando fomos ler-lhe a notícia de que o deputado Virvaldo Lima apresentará, na Câmara, um projeto naquele sentido, sendo o prêmio proposto a importância de quinhentos mil cruzeiros.

Cesar Lattes disse aquelas palavras sem nenhuma afetação. Pelo tom simples com que as pronunciou, percebemos que estava falando sinceramente, sem jalsa modestia. Ao seu lado, sua esposa, a senhora Maria Lattes, licenciada em matemática, pela Faculdade de Filosofia

de São Paulo, lê a notícia divulgada com destaque pelos "Diários Associados". Faz os olhos na foto em que Cesar Lattes aparece junto ao ministro Clemente Mariani e como que fazendo uma sensacional descoberta, exclama graciosamente: "Oh, como o Cesar é fotogenico!"

O jovem cientista patriótico enrubescer diante do galanteio de sua esposa. Carinhosamente, segura-lhe o queixo e com certa timidez, responde:

"Maria, você só vive a me fazer elogios!"

Os dois jovens esposos trocam olhares entre si. Cesar parece ficar mais à vontade e voltando ao prêmio, afirma-nos:

"Estou encantado com tanta gentileza. E ela e para mim o maior prêmio, o melhor estímulo aos meus estudos."

Cesar Lattes recusa-se a entrar em considerações sobre a recompensa em dinheiro que o Congresso pretende conceder-lhe. Demonstra evidentemente satisfação em receber uma importância de tal vulto.

"Seria um hipócrita", afirma-nos "se dissesse que não estou contente com isso."

Mas o ideal, o grande ideal, não do jovem Cesar Lattes, e sim do cientista, seria a criação no Brasil de um Instituto de Física Nuclear. "Um Instituto de Física Nuclear" seria o maior prêmio que se poderia oferecer, não a mim, mas a todos os cientistas do Brasil. E isso é muito fácil. Depende apenas de boa vontade."

E o descobridor do método de produção artificial do meson explica-nos como o Brasil poderia possuir uma entidade daquela natureza.

"Bastaria apenas que todos os ca-

pitalistas do Brasil" contribuíssem para uma "Fundação", nos moldes existentes nos Estados Unidos. Todos os Estados participariam de grandes obras e a União, por sua vez, daria a sua ajuda. É claro que, apesar de todos os nossos esforços, não teríamos terço do que há na grande mídia americana. Cada aparelho custa milhares de dólares, uma verdadeira fortuna. Mas, aos poucos, vamos adquirindo o indispensável para os nossos estudos. Com o tempo, estariam aptos para fazer aquisições maiores e mais valiosas. Tudo depende de boa vontade."

### UMA CRIANÇA NORMAL

Não é com facilidade que conseguimos dominar a modestia do cientista patriota. Assim foi, por exemplo, quando procuramos conhecer alguns fatos de sua infância.

"Que é que posso dizer da minha vida?" pergunta-nos, respondendo ao mesmo tempo:

"Fui uma criança normal como outras. Tive cachimbo, sarapito e muitas gizes. Não me lembro de ter sido catapora."

Instituímos mais uma vez sobre o assunto e Cesar Lattes, quase vencido, declarou-nos:

"Nasci em Curitiba, mas, como meu pai era Inspetor do Banco Franco-Italiano e vivia ora num lugar, ora noutro, nos primeiros meses do meu nascimento mudou-se para Curitiba, no Rio Grande do Sul. Ali morou até os cinco anos. Depois, fomos para Porto Alegre, onde comecei os meus estudos primários. Em seguida para Curitiba, onde fui matriculado na Escola Americana. Com 9 anos fui enviado, juntamente com o meu irmão David, para um colégio interno em São Paulo."

"Terminado o curso primário, meu pai matriculou-me no curso ginásial do Instituto Dante Alighieri. Até então não havia escolhido profissão, mas meu velho pai queria que eu estudasse para médico. No Dante Alighieri, desde o tempo correu. Confesso que até o terceiro ano nunca fui bom estudante, pois não gostava de nenhuma matéria. Estudava apenas para passar e fazer a vontade de meu pai que queria ter um filho "Doutor em Medicina", pois achava que era uma das melhores e mais lucrativas profissões. No terceiro ano ginásial, comecei a me interessar pelo estudo. Isto porque umas das cadeiras do programa era a Química. Comecei a laborar com os "feldos", "bases", "sais", "óxidos" e "metais" e me entusiasmei principalmente com as experiências que fazíamos no laboratório. Quando passei para o quarto ano, surgiu a Física. E ela fez com que eu me interessasse ainda mais pelo estudo, apesar de nunca ter sido o primeiro da classe."

A esta altura da palestra, Cesar Lattes, já inteiramente à vontade, faz-nos as suas confissões:

"Sempre fui uma negação completa para a literatura e para a arte em geral. E o mais interessante é que fui pessimo aluno de desenho, quase tendo sido reprovado nessa matéria. Mas a Física se tornou o meu encanto. Além disso, tive no ginásio um grande professor, Luiz Borello, que sabia ensinar. Suas aulas, de runho entusiasmante, eram magistrais. E a ele devo, sem nenhum favor ter abraçado a carreira de físico. Lembrou-me bem de que, certo dia, estando eu sozinho no laboratório, mexendo com a curiosidade mais de criança do que de estudante em determinado aparelho apareceu de repente o professor Borello. Fiquei muito envergonhado por me pegar em "flagrante" sozinho, sem sua autorização, no referido aparelho. Fui-me retirando, quando ele, honestamente, pôs a mão no meu ombro e me disse:

"Continue, Cesar. Você tem de estudar Física. Esta será a sua carreira."

"A profeta do meu grande professor e ainda se concretizou. Terminei sendo físico."

Em 1939 Cesar Lattes terminou o curso ginásial. Nessa ocasião, já residiam em São Paulo seus pais, que mantinham relações de amizade com os professores Wataghin e Schilling, da cadeira de Física da Faculdade de Filosofia daquele Estado.

"Meu pai — prosseguiu Cesar Lattes — já sabia que eu não estudaria mais Medicina e um dia me apresentou ao professor Wataghin. Este me encorajou bastante e depois de ter eu feito o primeiro ano de "pré" na Politécnica, ingressei na Faculdade de Filosofia, ma-

→ SEQUE NO VERSO

riculando-me no curso de Física. Foi o único aluno dessa matéria. Je sorte que era, por assim dizer, o primeiro e o último. Naquela ocasião ninguém queria aventurar-se, no Brasil, a uma carreira que na prática não oferecia muitas vantagens. Mesmo porque, terminado o curso, só havia duas maneiras de se ganhar a vida: ou sendo assistente do professor da cadeira, ou professor de ginástica. Ora, nem todos os físicos poderiam, ao mesmo tempo ser assistentes e os que tivessem de exercer o magisterio se desiludiam diante dos ordenados que percebem os professores. O melhor era escolher outra profissão. Hoje, felizmente, as coisas estão um pouco melhores. Tanto assim que o curso de Física das nossas Faculdades de Filosofia já é frequentado por um animador número de estudantes".

"Concluído o meu curso — continua Cesar Lattes — fui nomeado assistente do professor Wataghin, começando a fazer pesquisas sob sua direção. Mais tarde, o professor Occhialini, que esteve afastado da cátedra durante a guerra, voltou para dar um curso de extensão universitária e convidou-me para trabalhar com ele. Isto durou pouco porque o professor Occhialini seguiu tempos depois para a Inglaterra. Já estava desanimado em fazer pesquisas quando resolvei dirigir uma carta àquele mestre pedindo-lhe que me ajudasse. A resposta, foi uma bolsa que ele me arranhou da Universidade de Bristol, na Inglaterra, para onde segui em 1946.

Tive sorte, pois cheguei num momento em que a fábrica Hford acabava de produzir novas placas fotográficas, de grande importância, para o estudo da Física Nuclear. E, com Occhialini e Powell aprendi a técnica para a utilização dessas placas, de grande relevância porque permitiu a descoberta dos mesons pesados o que foi feito na Inglaterra em 1947.

Permaneci dois anos na Inglaterra. Dali fui à Bolívia, a fim de expor nas montanhas placas fotográficas, com raios cósmicos, regressando àquele país do Velho Mundo, onde terminei o meu trabalho. Ao voltar ao Brasil, em fins de 1947, segui uma bolsa de estudos da Fundação Rockefeller, interessei-me em trabalhar no "Radiation Laboratory" de Berkeley, com o professor Lawrence, seguindo, assim, uma sugestão do professor Wataghin. O resto você já sabe."

A proporção que Cesar Lattes nos revelava fatos de sua vida, sua esposa a senhora Maria Lattes, acompanhava com curiosidade os ponteiros de um relógio. Em dado momento, ela interveio na palestra dizendo:

"Cesar, lembre-se que, às 10 horas temos um encontro com o professor Costa Ribeiro."

O jovem cientista agradeceu o aviso, esclarecendo-nos:

"Ela é a minha secretária. Toma nota de todos os compromissos, telefonemas, recados, etc., com uma precisão absoluta. Se não fosse ela, não teria cabeça para tanta coisa."

#### A VIDA DO CASAL

A senhora Maria Lattes não pode esconder um sorriso que envolvia um agradecimento ao elogio de seu esposo. Perguntamos, então, a ambos, como e quando se conheceram.

"Na Faculdade de Filosofia — responderam-nos a senhora Maria Lattes. Cesar era aluno de Física, eu, aluno de Matemática. Mais tarde, ele foi meu professor de Física. Da nossa amizade de colegas nasceu o amor. E em janeiro deste ano, antes de partirmos para os Estados Unidos, realizamos o nosso sonho: — casamo-nos."

Outra revelação curiosa faz-nos a seguir a esposa do cientista brasileiro. Ela não é, como muitos julgam, natural de São Paulo. É pernambucana da genuína, filha do professor Luiz Siqueira Neto, da Escola de Engenharia de Recife, e da sra. Aurora Lima Siqueira Neto. Foi para São Paulo em 1933, a fim de cursar matemática na Faculdade de Filosofia de São Paulo, curso esse que concluiu três anos depois. Obteve o título de "licenciada" e conquistou o coração de Cesar Lattes.

"Sinto-me agensamente feliz em passá-lo como esposo", declara-nos a sra. Maria Lattes. E fez-nos, a seguir, uma confissão:

"Muitas de minhas amigas ficaram 'alternadas' quando souberam que eu ia casar com um cientista. A impressão que muita gente tem é a de que um cientista é um ser diferente, macambuzo, unicamente preocupado com laboratórios e com a ciência, inteiramente fora da realidade do mundo. Cesar não é nada disso. E os cientistas que conheci nos Estados Unidos são todos eles humanos como os demais homens. Einstein, por exemplo, é um violinista exímio."

E concluindo:

"Apesar de Cesar lhe haver confessado ter sido uma negação para a literatura e para a arte em geral, é um apreciador imenso da música e um 'devorador' de bons livros. Além, ele pretende escrever um".

Perguntamos a Cesar Lattes o trabalho que tinha em mira. Revelou-nos: então:

"Tenho um contrato com o editor norte-americano John Wiley para escrever um livro sobre aplicação de placas fotográficas para Física Nuclear. É um livro técnico. Nada de ficção."